

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do intelectual é dar voz. Nós, neste mundo da comunicação global, de sociedade de informação, temos cada vez mais silenciamentos. [...] E o intelectual hoje deve, fundamentalmente, dar voz a esses grupos sociais silenciados, dar voz ao conhecimento, ao próprio despojamento de seus conhecimentos, por que não?

Boaventura de Souza Santos

Em sua obra *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, Boaventura de Sousa Santos reforça a necessidade de se entender o pós-colonialismo a partir de seus dois sentidos principais. Segundo o sociólogo português, enquanto em sua primeira acepção, o termo refere-se ao período histórico posterior à independência das colônias, em seu segundo sentido, o pós-colonialismo remete a “um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstroem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2006, p. 233).

Em função disso, é possível afirmar que o romance *Os Papéis do Inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho, insere-se no contexto pós-colonial angolano não apenas por ter sido publicada após a descolonização de Angola, mas também (e principalmente) por revelar um comprometimento com a reescrita da história do país, a partir do questionamento dos discursos imperialistas de Joseph Conrad e de Henrique Galvão, e da inserção da figura de um antropólogo angolano como narrador e personagem da narrativa.

Partindo-se dessa constatação, buscou-se, nesta pesquisa, evidenciar os procedimentos empregados pelo autor para romper, por meio de sua arte, os silêncios deixados pelas narrativas coloniais. Ao longo deste processo, verificou-se que, assim como vários intelectuais angolanos que o precederam, Ruy Duarte de Carvalho demonstra uma atitude comprometida com a denúncia dos problemas que afligem seu país. Contudo, em vez de conceber a crise angolana como produto exclusivo do processo colonizatório, o escritor também imputa a sua

responsabilidade às elites que tomaram o poder após a independência, mostrando que a existência de uma estrutura opressora, ao contrário do que se esperava, não findou com a descolonização.

É posicionando-se como um cidadão angolano que Ruy Duarte de Carvalho escreve seus poemas e romances, dirige seus filmes, parte em viagens de campo para estudar os povos pastoris do sul. Ao fazê-lo, contesta a concepção de uma cultura angolana homogênea, e reforça a idéia de que Angola é um país rico pela diversidade que apresenta. Para o artista não se justifica então uma produção literária que retrate Angola exclusivamente a partir de Luanda. Faz-se necessário mirar o país de outros pontos caso se queira promover uma descentralização e uma desautomatização do olhar do leitor.

Como se confirma com a leitura de *Os Papéis do Inglês*, descentralizar implica, neste caso, trazer à tona uma perspectiva que não se atenha exclusivamente a uma concepção ocidental ou ocidentalizada da África, e que valorize as tradições e os costumes dos nativos, sem colocá-los em uma escala evolutiva que tenha como ponto máximo o Ocidente. O inverso também é válido, ou seja, descentralizar não significa que se devam mostrar as margens como superiores ao centro – pois, se assim o fosse, o binarismo dominado/dominador continuaria, apenas seus protagonistas inverteriam de posição –, mas mostrá-las como alternativa possível, como espaço onde a história também pode ser escrita.

Desautomatizar, por sua vez, implica fazer com que o leitor perceba cada obra lida (seja ela literária, histórica, filosófica ou antropológica) como produto de um sujeito influenciado por seu contexto; logo, sujeito às suas motivações. Trata-se de uma proposta semelhante à defendida por Brecht em seu “efeito de distanciamento”, na medida em que também se evidencia no romance de Ruy Duarte de Carvalho a preocupação de se apresentar a criação artística como aquilo que ela sempre foi: uma criação.

Neste contexto, a reflexão sobre o gesto da escrita assume uma grande importância, uma vez que a proposição de novas versões para as narrativas de Joseph Conrad e de Henrique Galvão constitui, n’*Os Papéis do Inglês*, um modo de o narrador angolano desmitificar o Ocidente, e subverter a autoridade do centro imperial. Na narrativa, é por meio da reescrita do passado que o narrador rasura a imagem de colonizado-objeto veiculada pelas narrativas coloniais, rompe seu

silenciamento, e se afirma como sujeito dono de sua história, como alguém capaz de, revisitando o passado, modificar o seu presente.

Neste processo evidencia-se então que as possibilidades de releitura e de reescrita da história são múltiplas e infinitas. Cada novo olhar pode imprimir novos sentidos àquilo que já foi dito, e apontar novas direções a serem seguidas. A história não está, portanto, acabada. A cada dia que se vive, pode-se abrir uma nova página de diário, e vislumbrar novas perspectivas.

Conseqüentemente, o diário etnográfico-literário que se escreve durante nove dias não está acabado ao final do romance de Ruy Duarte de Carvalho. Prova disto é o fato de o romancista brasileiro Bernardo Carvalho ter se apropriado de vários de seus elementos para, publicar em 2002, em seu romance intitulado *Nove Noites*, a história da investigação do suicídio de um antropólogo americano ocorrido em Tocantins, em 1939. Do mesmo modo, este trabalho não objetivou esgotar as possibilidades de interpretação do romance *Os Papéis do Inglês*, mas sim levantar questionamentos e propor sugestões de leitura para a obra.